

LETRAMENTO EM SITUAÇÕES ATÍPICAS E OS ASPECTOS DE FORMAÇÃO DOCENTE

Itamara Peters¹
Ana Carolina Lopes Venâncio²
Mariana Saad W. da Costa³
Jucelia Linhares Granemann de Medeiros⁴
Viviane Pereira Maito⁵

Introdução

O presente texto é um recorte da dissertação de mestrado⁶ que investiga os processos de letramento na educação hospitalar do Programa de Atendimento a Escolarização Hospitalar no Paraná. O escrito atual apresenta discussões sobre o conceito de atipicidade buscando definições teóricas e técnicas, situa o termo no contexto educacional brasileiro buscando entender como o conceito de sujeito atípico é entendido no processo educativo, tece considerações sobre o conceito de letramento e sobre o letramento de sujeitos com perfil atípico ou em situação atípica. O objetivo do estudo foi analisar e compreender as necessidades de formação docente situada e dicutir aspectos da inclusão educacional de estudantes em tratamento de saúde.

A justificativa científica e social do estudo reside no fato de haver necessidade de investigações das práticas docentes para aprimorá-las, com o contexto hospitalar sendo campo ainda em franco desenvolvimento, com a visibilidade oferecida por meio de divulgação dos resultados de pesquisas podendo gerar maior interesse de governantes sobre esta área da profissionalidade docente que urge ter diretrizes legais, teóricas e práticas para se firmar enquanto modalidade e ensino. O método utilizou abordagem qualitativa e teve como instrumento de coleta de dados o questionário, com a análise dos dados obtidos sendo

¹ Mestra em Letras (Proletras). Doutoranda UFPR. Docente de línguas no programa SAREH/SEED – PR.

² Mestra e Doutora UFPR. Docente do Programa de Escolarização Hospitalar da Prefeitura Municipal de Curitiba, anavenancio2704@gmail.com;

³ Mestra em Educação – PUC – PR. Professora do Setor de Educação e Cultura (Hospital Infantil) e da UniSantaCruz.

⁴ Pós-doutora em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Campo Grande. E-mail: juclia313@yahoo.com.br. Orientadora do grupo.

⁵ Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUCPR/Brasil). Professora do Programa de Escolarização Hospitalar da SME de Curitiba no Complexo Hospital de Clínicas do Paraná (UFPR/Brasil). E-mail: vipmaito7@hotmail.com.

⁶ O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma síntese de um dos eixos da pesquisa desenvolvida no programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Norte do Paraná. Trazendo a tona a voz dos professores que atuam no contexto hospitalar a partir das leituras da pesquisa e dos conceitos discutidos, ampliando o repertório de saberes para atuação em contexto de escolarização hospitalar.

realizada por meio da análise de conteúdo. O texto organiza-se da seguinte maneira: metodologia, discussões teóricas e resultados e, por fim, considerações finais.

Metodologia

A pesquisa baseou-se na metodologia de abordagem qualitativa, pautada no estudo de caso, que utilizou instrumento de coleta de dados pré-definido (questionário) que foi aplicado em 09 (nove) unidades hospitalares conveniadas com a Secretaria Estadual de Educação do Paraná, nesta etapa revisitamos os conceitos discutidos e ampliando o olhar sobre a questão da inclusão educacional.

O campo de investigação

O trabalho aqui apresentado teve como foco de estudo o Programa de Educação Hospitalar do Paraná (SAREH), criado pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná entre 2005 e 2007 e implantado em 25 de maio de 2007, com o objetivo de garantir a escolarização de crianças e adolescentes da segunda fase do Ensino Fundamental, Ensino Médio, Profissional e EJA, nos hospitais de grande porte no estado. Em 2015, o serviço era prestado em 18 unidades, sendo quatorze (14) hospitais (dois totalmente infantis), três (03) clínicas e uma (01) casa de apoio. O programa foi organizado pensando para o espaço hospitalar e sua estrutura, inicialmente o programa era implantado nas unidades hospitalares a partir de convênios entre as Secretarias de Educação, Saúde e Hospitais Menezes, (2010). Em 2012, houve uma mudança, em virtude de os hospitais estaduais já possuírem vínculo com o estado, o convênio foi substituído por um termo de cooperação técnica que não exige a renovação constante como era o caso dos convênios. Cada equipe do SAREH no hospital é composta por um pedagogo que mantém um vínculo de quarenta (40) horas semanais na unidade e três professores que atuam vinte (20) horas na unidade, obrigatoriamente no turno da tarde, conforme Menezes, (2010).

O SAREH foi criado com uma estrutura específica para atender os estudantes que já avançaram no seu processo de escolarização. Os professores selecionados são formados em uma das disciplinas que compõe as áreas do conhecimento: códigos e linguagem (Arte, Educação Física, Língua Portuguesa e Língua Estrangeira); ciências humanas (Geografia, História, Filosofia, Sociologia e Ensino Religioso) e ciências exatas e da natureza (Biologia, Ciências, Física, Química e Matemática). Os docentes devem trabalhar com a área organizando os conteúdos e trabalhando com os conhecimentos que compõe a área para a qual foram selecionados. O trabalho docente no programa é organizado por área do conhecimento

e essa diversidade traz ao programa uma variedade de ações e procedimentos de ensino. Mas o que constatamos em relação a área de linguagem é que os próprios professores indicam a necessidade de formação para atuação em contexto educacional hospitalar.

Discussões teóricas e resultados

Pensar em letramento de perfil atípico exige a compreensão primeira do conceito de atipicidade, reconhecimento deste perfil e de que campo teórico se está adentrando. Chamamos de desenvolvimento atípico o desenvolvimento de crianças que apresentam atrasos e/ou prejuízos em relação às crianças com a mesma faixa etária. Os atrasos no desenvolvimento podem ser globais ou específicos.

A identidade cognitiva de sujeitos ditos atípicos decorre, em geral, de quadro multifatorial. As pesquisas na área da atipicidade vêm avançando e comprovam que a identificação de diagnósticos não é tarefa fácil. Os transtornos, por vezes, são misturados a outros sintomas e nem sempre são exclusivos a cada síndrome, tampouco apresentam muitas vezes traços patológicos. (MOLLICA; SILVA, 2013, p.09).

Porém, a atipicidade pode ser compreendida não como um fator determinante ou determinado, ela depende de muitos fatores e de elementos comparativos como esclarece Veiga Neto (2001, p. 107):

Ainda que os critérios de partilha normal – anormal emerjam da “pura relação do grupo consigo mesmo”, as marcas da anormalidade vêm sendo procuradas, ao longo da Modernidade, em cada corpo para que, depois, a cada corpo se atribua um lugar nas intrincadas grades das classificações dos desvios, das patologias, das deficiências, das qualidades, das virtudes, dos vícios.

Logo, definir o que é um sujeito com perfil atípico é uma tarefa complexa que depende de critérios de avaliação, classificação e até mesmo de compreensão do ser humano e do que seria o tal padrão de normalidade pré-estabelecido que funcionaria como balizador nas avaliações. Entende-se, assim, de acordo com Lepre (2008, p.30), que o perfil atípico está relacionado ao “desenvolvimento que não ocorre da maneira considerada padrão”; são situações que desviam do esperado e fogem das expectativas de normalidade. Desse modo, todas as situações que interferem no processo de desenvolvimento regular da criança podem levá-la a um desenvolvimento atípico temporário ou permanente.

Em todas as situações de desenvolvimento atípico a educação tem um importante papel no estímulo e desenvolvimento de habilidades, principalmente no desenvolvimento das habilidades comunicativas da criança. A inserção dos sujeitos com perfil atípico no processo escolar acontece por meio de uma adaptação do processo educativo que, no Brasil, é chamada de Educação Inclusiva que é definida como uma educação especial para alunos portadores de

necessidades especiais, em que o principal objetivo é incluir esses alunos em classes comuns da rede regular de ensino. É claro que o termo “inclusão” abrange muitos outros campos como: inclusão social, inclusão digital e assim por diante. A escolarização dos sujeitos com perfil atípico, além de ser um processo de educação adaptado é regido por leis: o artigo 205 da Constituição Federal afirma “educação é um direito de todos”. E é com base nesse direito que a educação inclusiva está lutando para que essa realidade alcance a todos. No âmbito da prática escolar, os sujeitos atípicos exigem do professor uma compreensão conceitual de muitos termos e técnicas de ensino. O que nos interessa no momento é o processo de ensino de linguagem, mais claramente o processo de letramento desses sujeitos que fogem do “padrão de normalidade”.

De acordo com Sato e Batista (2008), práticas de letramento inclusivo são as práticas nas quais os textos exercem influência direta ou indireta no processo de tornar a pessoa com necessidades educacionais especiais incluída na vida social. No letramento inclusivo, as práticas com os textos auxiliam na inclusão da pessoa com necessidades educacionais especiais. O letramento inclusivo deve, portanto, contar com equipe de profissionais altamente qualificados para conhecer bem os perfis dos alunos e encontrar o melhor desempenho no momento oportuno. De acordo com Mollica (2013), no processo de letramento dos sujeitos com perfil atípico:

Devem-se conhecer as habilidades e as dificuldades apresentadas pela criança no processo diagnóstico, visando o desenvolvimento de estratégias que possibilitem a melhora no uso das habilidades e funções da linguagem e no desempenho da criança nas tarefas escolares que exigem leitura e escrita. (MOLLICA; SILVA, 2013, p. 11).

Ou seja, é importante reconhecer os sujeitos envolvidos no processo de letramento, percebendo o domínio que cada um tem do código, da leitura e das habilidades de escrita para que o conhecimento seja ampliado. Para Mollica e Silva (2007), um mecanismo eficiente no desenvolvimento da linguagem das crianças e, principalmente de crianças que apresentam alguma dificuldade, é a interdisciplinaridade.

A interdisciplinaridade, assim, inevitável e subjacente à tarefa de letrar os indivíduos com ou sem restrições, em condições de satisfação necessárias à aprendizagem. Não é utopia, todavia, tarefa desafiadora. O letramento inclusivo é realidade nas salas de aula, em ambientes online e off-line, para alunos especiais e para classes muito heterogêneas que não apresentam sujeitos portadores de atipicidade, compostas por um alunado com distintos níveis social e de letramento (MOLLICA; SILVA, 2007, p.12).

O trecho citado acima reforça as ideias de letramento e dialoga com Street (2014, p. 71), ao apontar para um processo educativo amplo e mais completo: “As práticas de letramento referem-se a essa concepção cultural mais ampla de modos particulares de pensar

sobre a leitura e a escrita e de realizá-la em contextos culturais”. Ainda segundo Mollica e Silva (2013, p.19), “pensar na possibilidade de alfabetização de indivíduos com desenvolvimento atípico não é utopia, mesmo tendo como paradigma os sujeitos caracterizados como típicos”. O letramento é algo concreto nas salas de aula para alunos especiais, ainda que o processo aconteça de forma mais lenta, ou com mais recursos. Diante de tantas variedades de perfis entre os estudantes cabe ao professor considerar que um aluno nunca é igual a outro. Para chegar as adaptações necessárias e ter sucesso no processo de letramento na diversidade de perfis que se apresentam é necessário compreender que além da compreensão humana, é preciso domínio técnico e teórico que possibilite fazer adaptações e adequar os métodos as características de cada aprendiz. De acordo com Marquezan (2005, p.6), “Adequar o ensino às características de cada aprendiz, não é só uma questão de bom senso pedagógico, se não uma questão de respeito à pessoa, faz parte da exigência inadiável de igualdade”.

No processo de escolarização hospitalar no Hospital Pequeno Príncipe o processo de letramento dos sujeitos com perfis típicos ou atípicos acontece de modo contínuo e constante. Conjugam-se atividades culturais, artísticas e escolares produzidas para cada sujeito em especial. Nas atividades escolares o acompanhamento é sempre individual e pautado na necessidade que a criança apresenta. Cada professor trabalha com dois princípios básicos que se baseiam na curiosidade da criança e nas demandas de conteúdo encaminhado pela escola de origem. Citando brevemente a rotina dos processos de ensino do Setor de Educação e Cultura mostra-se com os eventos, um pouco das práticas de letramento desenvolvidas pela escolarização hospitalar. E por que práticas de letramento? Porque De acordo com Kleiman, (1995, p.12) “letramento pode ser entendido como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Sendo assim, as atividades pautadas no processo de leitura, produção e reflexão das múltiplas linguagens se constitui numa prática de letramento desenvolvida no espaço da educação hospitalar.

Considerações finais

Diante da conceituação teórica apresentada no texto foi possível compreender que definir o que é um sujeito com perfil atípico e como deve ser o processo de letramento desses sujeitos não se constitui numa tarefa fácil ao teórico ou ao professor. Há uma série de fatores combinados que produzem a definição e que não fazem parte do processo escolar. Para além

da discussão de identificação dos sujeitos se apresenta o processo educativo às condições de letramento destes sujeitos e o modo como estes serão inseridos no espaço escolar ou atendidos em outros espaços. A discussão teórica produzida com o objetivo de situar o objeto de estudo provocou uma reflexão sobre a prática educativa desenvolvida no Hospital Pequeno Príncipe e a conclusão de que os eventos desenvolvidos neste espaço se constituem em práticas de letramento conforme definiu Kleiman, 1995.

Palavras-chave: Letramentos. Educação hospitalar. Formação docente.

Referências

BRASIL. **Atendimento Educacional Especializado**. Brasília: MEC, 2007.

LEPRE, Rita Melissa. **Desenvolvimento humano e educação: diversidade e inclusão**. In: Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental. – Bauru: MEC/FC/SEE, 2008. V.12.

KLEIMAN, Ângela B. **Os Significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

MARQUEZAN, Reinaldo. **Aprendizagem: explicações para as Dificuldades**. Revista de Educação Especial. Universidade Federal de Santa Maria, RS. Centro de Educação. Departamento de Educação Especial. [N° 27](#). 2005.

MOLLICA, M. C. M. & SILVA, C. A. P. P. G. **O Letramento de sujeitos típicos e atípicos**. In: Palomanes, Roza; Bravin, Angela Marina (orgs.) Práticas de ensino do Português. 1. ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2012. v. 1, 272p.

PETERS, Itamara. **Letramentos em Língua Portuguesa: um Estudo de Caso na Educação Hospitalar do Paraná**. Orientador Eliana Merlin Deganutti de Barros. - Jacarezinho, 2016. 268 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Centro de Letras, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2016.

SATO, Denise T. B.; MAGALHÃES, Izabel; BATISTA JR, José Ribamar Lopes. **Desdobramentos recentes da educação inclusiva no Brasil: discursos e práticas de letramento**. RBLA, Belo Horizonte, 2012.

STREET, B. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

VEIGA NETO, Alfredo. **Incluir para excluir**. Revista Proposições; São Paulo: UNICAMP, em 2001.

SATO, Denise Tamaê Borges. **A inclusão da pessoa com Síndrome de Down**. Identidades docentes, discursos e letramentos. 2008. 149p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.